

DOSSIÊ LITERATURA E PAISAGEM

Em um dos folhetins da série “Ao correr da pena”, o de 17 de setembro de 1854, publicado no “Correio Mercantil”, do Rio de Janeiro, José de Alencar sentencia: “o olhar é poliglota e sabe todas as línguas melhor do que qualquer diplomata”. O tom assertivo e a sutileza de percepção da frase de Alencar afloram à nossa lembrança, na medida em que este número da *Revista de Letras* abriga em suas páginas artigos que possuem como traço de união o relacionamento Literatura e Paisagem. De fato, são muitas as linguagens com que as artes, particularmente a literária, descrevem os cenários, quer naturais, quer culturais. A sensibilidade dos escritores, múltipla e, ao mesmo tempo refinada na arte de selecionar, oferta aos leitores novos campos de apreciação do real, tal como o sentido do olhar que, segundo o cronista, traduz o mundo de muitas formas, sem que isso implique um panorama babelizante.

Poliglota também é o olhar da crítica no que toca às imbricações Literatura e Paisagem, como se percebe nos trabalhos aqui apresentados. Assim, é que a diversidade é uma das marcas do presente dossiê, que se abre com o artigo “Poésie, Paysage et Sensation”, que leva a assinatura de Michel Collot¹, estudioso a quem se devem importantes formulações teóricas sobre a paisagem na Literatura e nas artes. Estampado em livros e periódicos, seu pensamento vem instigando reflexões e se abrindo ao diálogo com pesquisadores de latitudes diversas do mundo acadêmico ou fora dele.

No artigo em causa, Collot aponta a paisagem como um problema desafiador não apenas do ponto de vista estético, em que se situariam a arte e a poesia modernas, bem como para o campo das ciências humanas e das práticas sociais contemporâneas. Atentando para as mudanças havidas na interpretação da paisagem, desde o Romantismo, que a associou intrinsecamente à sensibilidade, prossegue ele em seu percurso de observação, verificando como a modernidade optou, em termos de arte, de uma maneira geral, por um processo de auto-representação, o que poderia ensejar a falsa ideia do desinteresse da criação artística pelo cultivo da paisagem como tema. Contrariamente a essa possibilidade, o estudioso prefere correlacioná-la com os conceitos de sensação e percepção, colhidos em Paul Valéry, os quais abrigam uma proposta de fruição da poesia entendida como um lugar de reativação das sensações e dos afetos.

Devido à especial significação do texto de Michel Collot para os estudos sobre Literatura e Paisagem, e, no intuito de ampliar o mais possível suas ideias sobre essa questão, que atravessa de forma tão penetrante a pós-modernidade, ele é aqui apresentado em uma versão em língua portuguesa, com tradução de uma das organizadoras do presente número da *Revista de Letras*.

Com “Paisagem, Aceleração e Poesia Por uma Geografia das Emoções”, Ida Alves confere uma visada epistemológica à ideia de paisagem, ao tomá-la “como estrutura de sentido para a compreensão crítica da cultura contemporânea”. Isso inclui, entre outros aspectos, a problematização das subjetivi-

1 Agradecemos, especialmente, ao Grupo de Pesquisas Estudos de Paisagem nas Literaturas de Língua Portuguesa, pela disponibilização do contato do Prof. Michel Collot.

dades face ao poema, num mundo que se rege pela aceleração. Nesse ambiente dramático, a natureza somente pode ser entendida por intermédio de uma teia de sentidos, construídos pela interdisciplinaridade. As interrogações aqui encontram um lugar de pouso na poética da paisagem construída por Luís Quintais, na qual estão em jogo “a experiência urbana, a reflexão antropológica sobre a precariedade da habitação na cidade e a problematização da subjetividade e do lirismo em nosso tempo”.

Partindo da construção do espaço no conto “O caçador”, de Rinaldo de Fernandes, Márcia Manir Miguel Feitosa coloca em relação as duas dimensões aqui enfocadas. Atualizando o conceito de espaço, a pesquisadora elege como *leitmotiv* de sua análise “o constructo da experiência urbana da ocupação”. A epígrafe, tomada de empréstimo a “Casa tomada”, de Julio Cortázar, insinua-se nos interstícios do texto, que tem como pedra angular, do ponto de vista teórico, formulações da Geografia Humanista Cultural, “um dos campos mais instigantes da Geografia contemporânea, onde a subjetividade pode ser incorporada para fins de estudo e interpretação da condição humana”.

A busca dos nexos entre artifício e natureza, na paisagem, no Romantismo literário brasileiro, é a proposta de trabalho de Lúcia Ricotta Vilela Pinto, que demonstra como o *topos* “cenar da natureza” se origina da tradição dos registros pictóricos dos relatos do Novo Mundo, bem como de “apropriações e elaborações modernas da paisagem tropical” provindas de Alexander von Humboldt e Ferdinand Denis. Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias e José de Alencar servem como farol à estudiosa, no sentido de perceber que a reinvenção poética da natureza desse período cria liames entre a questão histórica da origem e a representação teatral da paisagem.

Para marcar a multiplicidade de formas de perceber a paisagem, Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo elege o texto de Lima Barreto, observando, inicialmente, o efeito, na ambiência carioca, das lentes impressionistas utilizadas por Isaías Caminha, em seus passeios pela urbe carioca. Outro protagonista barretiano, M. J. Gonzaga de Sá, endereça ao panorama citadino um olhar fragmentário, responsável pelo “declínio da subjetividade una”. Processo distinto de ambos os anteriores ocorreria nas cartas, crônicas e no relato sobre Policarpo Quaresma, nos quais, segundo a autora, seria “a natureza inventada pela tradição literária”, o tema sugerido para debate.

Tânia Lima optou por tratar do mito da Cobra Norato, uma das mais famosas narrativas do folclore amazônico, no espaço do rio-mangue. É aí, em meio a uma geografia movente, que Raul Bopp tem um encontro com o inusitado de “uma cobra d’água fazendo uma volta dentro da noite” – o que, na verbalização poética, corresponde à incorporação da linguagem coleante da oralidade. A análise do poema carrega uma entonação particular à voz de Raul Bopp, que, de acordo com a articulista, repercute um “elo eco crítico”, entre palavra e cultura, aspecto que vem se agregar ao “desenho surrealista do verbo”.

O artigo que fecha o dossiê, escrito em co-autoria por Fernanda Coutinho e Marlúcia Nogueira do Nascimento, encontra na Literatura pós-colonial africana de expressão portuguesa uma possibilidade de compreensão das relações afetivas entre a infância e o espaço nas narrativas de *Os da minha rua* (2007), do escritor angolano Ondjaki. A partir das significações adquiridas pela casa, pela rua e pela escola, ambientes nos quais transita o narrador, ocorre a reinvenção dos lugares de sua infância e as implicações do contexto da guerra civil na paisagem da cidade e em sua paisagem interior. O leitor depara, então, com a transposição literária desses episódios, por meio de uma prosa lírica, de marcante plasticidade, em que as cores compõem um quadro que intercambia matizes do biográfico e do ficcional.

Os oito artigos aqui enfileirados, diversos em suas formas de abordagem, concorrem para mostrar a verticalidade, que marca as relações entre Literatura e Paisagem, e o quanto essa questão diz respeito à nossa condição de habitantes de um mundo que tem no experimentar a vida sensível uma de suas mais agudas provocações.

As organizadoras